SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

07/08/2015 - Instituto Telecom

Algar Telecom fecha o semestre em crescimento

A Algar Telecom, empresa de telecomunicações e TI do grupo Algar, registrou EBITDA consolidado de R$ 159 milhões no 2º trimestre de 2015, 14,5% maior que o mesmo período de 2014 e com melhoria de 2p.p na margem. A receita líquida consolidada atingiu R$ 591,7 milhões no trimestre, uma evolução de 5,7% quando comparado com o 2T14. Os destaques do 2T15 foram o crescimento de 46% nas receitas de dados móveis e de 15% nas de soluções de telecom a clientes corporativos, além do incremento de 19% na base de cliente móveis.

O lucro líquido encerrou o trimestre com R$ 34,3 milhões, frente aos R$ 32,4 milhões registrados no 2T14. Ao final do segundo trimestre de 2015, a Algar Telecom apresentava 3,2 milhões de Unidades Geradoras de Receitas (UGR) em seu negócio Telecom, um acréscimo de 11,2% em relação ao mesmo período de 2014, impulsionado principalmente pelos serviços de telefonia móvel e fixa, que cresceram 19,0% e 10,8%, respectivamente.

No 2T15 foram investidos R$ 98,4 milhões. "O nosso planejamento está pautado em defender a operação de nossa área tradicional onde atendemos a todos os segmentos, expandir o atendimento ao segmento B2B em novas áreas e melhoria contínua da eficiência operacional da empresa. Os resultados mostram a assertividade da nossa estratégia e a capacidade de executá-la. Tudo isto torna a Algar Telecom mais sólida e preparada para o futuro", afirma o diretor presidente da Algar Telecom, Divino Sebastião de Souza.

Telefonia fixa – ao final do 2T15 alcançou 1,392 milhão de linhas fixas, superando em 10,8% o número registrado no 2T14, impulsionada, principalmente, pelas vendas ao segmento corporativo – no qual o crescimento foi de 14,8%.

Telefonia móvel – os acessos móveis evoluíram 19,0% no comparativo anual, totalizando 1.225 mil clientes no 2T15. O número de clientes pré-pagos aumentou 19,1%, passando de 786 mil no 2T14 para 936 mil no 2T15 estimulados pelo plano com pacote de dados de 50MB. Os pós-pagos, por sua vez, cresceram 18,6% no período e alcançaram 289 mil. A receita média por usuário (ARPU) do 2T15 foi de R$ 22,74.

Banda larga – no 2T15 o número de acessos banda larga fixa (XDSL) evoluiu 8,3%, atingindo 408 mil. Este crescimento é resultado dos constantes investimentos da Companhia na expansão e modernização da rede. A banda larga móvel, por sua vez, apresentou queda de 13,0% em razão do menor número de clientes utilizando mini-modens para acesso à banda larga e pela preferência por planos de alta velocidade na banda larga fixa.

TV por assinatura – a Companhia registrou uma queda de 15,4% no número de usuários do serviço TV por assinatura se comparado ao 2T14. Esse movimento é decorrente de iniciativas de limpeza de base e melhoria da qualidade das vendas.

Soluções Integradas de TIC e BPO – a receita bruta consolidada deste segmento atingiu R$ 208,3 milhões, um aumento de 1,7% em relação ao 2T14. O crescimento é resultado tanto da conquista de novos clientes quanto do aumento de escopo de certos contratos. Ao final do 2T15 as receitas de TI representavam 55% da receita total desse negócio. O EBITDA do negócio apresentou uma evolução positiva de 7,5%, alcançando R$ 25,8 milhões no 2T15.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

07/08/2015 - Instituto Telecom

Provisões de 339 milhões de euros impactam lucro da Telecom Italia

A Telecom Italia por pouco não fechou o primeiro semestre de 2015 no vermelho. A holding resolveu fazer uma provisão de 339 milhões de euros para cobrir possíveis multas e custos regulatórios atribuídos a disputas antitruste, em que a incumbente é acusada de abuso de posição dominante no mercado de redes. Em conferência com analistas, o CEO da Telecom Italia, Marco Patuano, declarou que o dinheiro será usado para "fazer as pazes" com órgãos reguladores e entrar em acordo com as operadoras para colocar um fim às disputas e, assim, seguir com um ambiente limpo para continuar investindo em redes. "Já acertamos disputas com algumas operadoras no primeiro semestre. Esse valor de 339 milhões de euros provisionados é a nossa previsão do máximo que devemos gastar para colocar fim a todas as demais disputas", explica Patuano.

O executivo revelou que o valor pedido por todas as operadoras somadas chega a 4 bilhões de euros, mas, com base nas resoluções anteriores de conflitos, as disputas acabam sendo encerradas em alguns poucos milhões de euros. "Por que pedem trilhões para conseguir alguns milhões? Quando sentamos à mesa para negociar, é apenas jogo. Por que não brigamos menos e investimos mais? Tem muita fibra pra fazer e eu quero fazer mais fibra", declarou. De acordo com o CFO da Telecom Italia, Piergiorgio Peluso, a empresa está trabalhando junto aos órgãos reguladores para conseguir estabelecer melhores sistemas, processos e KPIs claros para encontrar uma solução viável para a interconexão de redes e ampliar a competição garantindo qualidade de serviço para os clientes. "E aqui quero esclarecer: não estamos avaliando uma separação de rede", diz o CFO de forma taxativa. Vale lembrar que já se ventila há algum tempo a separação da rede da Telecom Italia em uma empresa distinta para garantir a competição. "Queremos sentar com o regulador para acertar KPIs de rede e garantir tratamento de qualidade e igualitário, e isso não requere a separação da rede".

Parte do dinheiro do provisionamento virá do IPO da divisão de torres Inwit, cuja venda de 40% de participação da Telecom Italia angariou um total de 808 milhões de euros e injetaram 253 milhões de euros líquidos no caixa da holding italiana.

Os números

O lucro líquido atribuído aos acionistas caiu de 543 milhões de euros no primeiro semestre de 2014 para 29 milhões de euros no acumulado de janeiro a junho deste ano. As receitas 4,3%, para 10,1 bilhões de euros, enquanto o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (EBITDA) recuou 16,4%, para 3,6 bilhões de euros na comparação do período.

Vale destacar, entretanto, que a controladora da TIM Brasil está conseguindo reduzir as perdas em seu mercado doméstico, segundo Patuano graças a investimentos em redes de fibra e 4G.

"O mercado doméstico está dando sinais de recuperação, mais acelerada que no ano passado. Usuários de LTE já são 25% da base de banda larga móvel (2,663 milhões de usuários) e a fibra tem 374 mil clientes, correspondendo a 5% da base de banda larga fixa, o que mostra que ainda há grande potencial de crescimento", diz Patuano.

Destaque também para o produto de TV por assinatura da operadora, o TIM Vision, oferecido em parceria com provedores de conteúdo como Netflix, Mediaset Premium e Sky. O serviço encerrou junho com 395 mil clientes e a meta é chegar a 550 mil até o final do ano.

"Grande parte da nossa base Vision vem da base ADSL que migrou para fibra, mas é interessante notar que 1 a cada 5 clientes de vídeo vem de fora da nossa base de banda larga. Então, além de melhorar nossa receita, atrai clientes novos e reduz o churn na nossa base. Esperamos que a perda de assinantes fixos deva parar já no quarto trimestre deste ano", analisa o CEO.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: TGT Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

07/08/2015 - Instituto Telecom

Banda larga fixa: Com GVT, Telefônica encosta no grupo América Móvil

O Brasil somou 24,94 milhões de acessos de banda larga fixa em junho de 2015, revelam dados divulgados nesta sexta-feira, 07/08, pela Anatel. Segundo ainda a agência reguladora, o Serviço de Comunicação Multimídia (SCM) estava presente em 37,68% dos domicílios no país, numa prova que há muito mercado por crescer ainda.

De acordo ainda com os dados da Anatel, as conexões XDSL são dominantes no país, com 53,29%, ou 13.291.954 53 milhões de conexões ativas. O cable modem aparece na segunda posição com 32,19%, ou 8.029.041 milhões de conexões ativas. A fibra óptica segue crescendo, mas de forma lenta no país. Em junho, foram contabilizados 1.132.926 milhão de acessos ativos, ou 4,54%. Em janeiro, eram 990.839 mil acessos ativos.

Na disputa pelo mercado, a briga promete ficar bem acirrada com a GVT sendo incorporada pela Telefônica. A operadora espanhola contabilizou em junho 4.098.181 milhões de acessos ativos, ou 16,43%, uma ligeira queda em relação a maio, quando somava 16,49%, ou 4.099.780 milhões de acessos ativos. Se houve queda de adição na Telefônica, a GVT cresceu. A operadora fechou o sexto mês do ano com 12,67%, ou 3.160.580 milhões de acessos ativos. Em maio, a operadora tinha 12,58%, ou 3.127.021 milhões de acessos ativos.

A liderança do mercado segue com o grupo América Móvil – Claro, NET e Embratel – com 7.876.131 milhões de acessos ativos, ou 31,57%. Em relação a maio, o grupo adicionou mais 38.368 acessos. Somando a GVT à Telefônica, a distância entre grupo América Móvil e Telefônica/GVT cai para apenas 2.47%, com a Telefônica/GVT chegando a 29.1%.

A Oi aparece na terceira posição com 25,84%, ou 6.446.214 milhões de acessos ativos, mas com registro de desconexões. Em janeiro, a Oi tinha 6.543.473 milhões de acessos ativos, o que reporta 972 mil desconexões em seis meses. A Sky, que tem banda larga fixa com o 4G, chegou a 193.135 mil acessos ativos. Em janeiro, eram 119.272 mil acessos ativos.

07/08/2015 - Instituto Telecom

Controladora da Nextel se diz desapontada com desempenho no trimestre

O trimestre trouxe resultados abaixo do esperado para a Nii Holdings, controladora da Nextel Brasil. Em balanço financeiro referente ao segundo trimestre do ano divulgado nesta sexta, 7, a companhia reconheceu que fracassou em atingir as metas do plano de reestruturação.

"Estamos desapontados com nosso desempenho", disse o CEO da Nii, Steve Shindler, em comunicado, dizendo que a empresa mostrou inaptidão em atingir a meta de crescimento de receita. Depois, culpa o impacto do ambiente macroeconômico "que está afetando toda a indústria wireless", assim como a desvalorização das moedas brasileira e argentina.

Com isso, a controladora está cada vez mais longe das metas prometidas no plano de recuperação para sair do Chapter 11. Shindler diz que está implantando "planos de contingência desenhados para nos ajudar a chegar a nossas metas de longo prazo", mas afirma que o foco é aumentar a base de 3G no Brasil e procurar estratégias para economizar e aumentar a lucratividade.

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

Resultados

A Nextel Brasil encerrou o trimestre com US$ 303,2 milhões em receita, queda de 29,32%. No semestre, a queda foi de 24,68%, total de US$ 643,8 milhões. As perdas no segmento foram de US$ 78,8 milhões no trimestre e US$ 75,2 milhões no semestre, aumento de 40,21% e recuo de 11,84%, respectivamente.

No país a operadora conta com 2,177 milhões de acessos em iDEN, recuo de 93,06%. O WCDMA mais do que dobrou e encerrou junho com 2,258 milhões de acessos. A empresa afirma que registrou 42,3 mil adições líquidas no trimestre e que contabilizou 59,3 mil migrações do rádio para o 3G. O churn ficou em 3,28% (contra 2,81% no ano anterior) e a receita média por usuário (ARPU) fechou junho em US$ 20 (US$ 10 a menos).

A operação total da Nii Holdings fechou o trimestre com US$ 420,8 milhões em receitas (recuo de 28,30%) e o semestre com US$ 883,2 milhões (queda de 23,96%). O prejuízo operacional foi de US$ 179 milhões e US$ 267,6 milhões no trimestre e semestre, respectivamente.

07/08/2015 - Carta Maior

Resultado da Petrobrás é superior ao da BP, Chevron e Exxon

Mesmo em um cenário de instabilidade, a estatal brasileira conseguiu elevar sua produção de petróleo e gás natural em 9%.

A Petrobrás divulgou na noite desta quinta-feira, 06, os resultados operacionais e financeiros do segundo trimestre, registrando um lucro líquido de R$ 531 milhões e R$ 9,5 bilhões de lucro operacional. Levando em conta todo o primeiro semestre de 2015, a estatal alcançou um lucro líquido de R$ 5,8 bilhões e um lucro operacional de R$ 22,8 bilhões.

Apesar do lucro líquido da Petrobrás neste semestre ter sido 43% inferior ao do mesmo período de 2014, se comparado com outras grandes empresas petrolíferas, ainda assim, a estatal brasileira ficou à frente da britânica BP, cujo lucro despencou em 144%, e das norte-americanas Chevron e Exxon Mobil, que apresentaram redução de 69% e 49%, respectivamente.

A queda acentuada dos preços do barril de petróleo tem sido um dos principais fatores da grave crise que afeta a indústria mundial de petróleo. No caso da Petrobrás, soma-se a isso a variação cambial. No entanto, mesmo neste cenário de instabilidade, a estatal brasileira conseguiu elevar sua produção de petróleo e gás natural em 9%, chegando à marca de 2,784 milhões de barris por dia. Somente no pré-sal, a produção atingiu em junho o recorde de 747 mil barris por dia.

Integração é o grande trunfo da Petrobrás

Os resultados operacionais, que há décadas vêm impactando positivamente os números da Petrobrás, reforçam a importância de se preservar a companhia como uma empresa integrada de energia. Além de ter elevado a produção de petróleo e gás, a estatal manteve sua produção de derivados em cerca de 2 milhões de barris por dia, aumentou a geração de energia elétrica em 15% e continua sendo a líder do mercado nacional de distribuição de derivados, através da BR.

O fato da Petrobrás atuar em diferentes segmentos do setor energético foi fundamental para reduzir os efeitos perversos da crise que atinge a indústria de petróleo em todo o mundo e também para continuar cumprindo o seu papel de uma empresa comprometida com a soberania energética do país. A integração, portanto, é um grande trunfo não só para a empresa, mas, principalmente, para o povo brasileiro, cujas conquistas sociais estão diretamente relacionadas aos investimentos e empregos impulsionados pela estatal nos últimos anos.

Preservar a Petrobrás como uma empresa integrada de energia deve ser compromisso de todos os trabalhadores. A FUP e seus sindicatos continuarão na luta para barrar a venda de ativos e manter a estatal como operadora única do pré-sal.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: TGT Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

07/08/2015 - Carta Maior

Quando a direita dá um golpe, quem paga a conta é o trabalhador

Para presidente da CUT, mais uma vez, oposição sangra governo para se apropriar das conquistas da classe trabalhadoras e retomar agenda conservadora.

O filme começa com a agressão a três ex-ministros que ocuparam ou ocupam pastas nos governos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da presidenta Dilma Rousseff. Todas em São Paulo. Uma delas, em um hospital frequentado pela classe média alta paulistana. A cena seguinte mostra uma bomba arremessada em direção à sede do Instituto Lula – até agora, o autor do ato não foi identificado pela Polícia Militar do Estado de São Paulo. Dá medo de pensar como termina essa película, com doses de terror e drama.

Não dá para negar que a Dilma eleita está muito distante da Dilma que militantes e dirigentes da CUT e dos movimentos sociais defenderam durante a campanha eleitoral. Falava-se em manutenção de direitos. As medidas provisórias 664 e 665 fizeram o contrário. Cobrava-se mais recursos para habitação e para a reforma agrária. O que o Brasil viu foi um contingenciamento de políticas públicas como parte de um ajuste fiscal nos moldes dos defendidos pelo candidato derrotado, Aécio Neves (PSDB-MG), que passou a liderar uma oposição ao Brasil, aliado ao presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), essa oposição coloca em risco a democracia duramente conquista.

A defesa da democracia e retomada do projeto de governo com justiça, inclusão social, distribuição de renda e geração de trabalho decente é o que une movimentos sindical e sociais a ir as ruas conforme aponta o presidente da CUT, Vagner Freitas.

Em entrevista ao Portal da CUT, ele destaca que é preciso enfrentar o clima de golpe alimentado por veículos de comunicação que perderam a vergonha de mentir e não são cobrados por isso, ainda que semanalmente as histórias que publicam sejam desmascaradas. Veículos que servem para inflamar maus perdedores interessados em levar as eleições para o tapetão. Numa espécie de eterno 3º turno. Vagner lembra, ainda, que nenhum golpe trouxe benefícios aos trabalhadores. Ao contrário, financiados por setores empresariais, ajudaram a impedir avanços ou desconstruir conquistas, como esses mesmos patrões buscam fazer no Congresso Nacional agora, em especial, na Câmara dos Deputados, sob regência do garçom dos patrões, Eduardo Cunha (PMDB-RJ).

A resposta, defende o presidente da maior central sindical do país, deve ser nas ruas para que o governo retome o caminho para o qual foi eleito. Por isso lideranças da CUT e dos movimentos sociais farão uma vigília diante do Instituto Lula nos dias 7 e 16 de agosto. Além disso, uma grande mobilização em todo o país está marcada para o dia 20.

Confira abaixo a entrevista.

Qual o significado dos três atos que a CUT e os movimentos promoverão em agosto?

Freitas – Nós estamos muito preocupados com a atual situação de intolerância e ousadia dessa direita brasileira, que desrespeita os valores básicos da convivência democrática, do direito do outro, não aceitando o resultado da eleição e impondo ao Brasil uma crise permanente criada por perdedores para desestabilizar o governo federal. Isso tem prejudicado demais o país, paralisado a economia. Quem paga o pato são os trabalhadores, com demissões e a queda nas condições de vida devido à paralisação que o país vive por conta de um terceiro turno criado por uma mídia golpista e uma direita conservadora. Claramente orquestrada por setores da sociedade que querem construir um golpe, causando impeachment da presidenta.

Leia mais em:

http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Quando-a-direita-da-um-golpe-quem-paga-a-conta-e-o-trabalhador/4/34188

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

09/08/2015 - Rede Brasil Atual

Combater desigualdades no capitalismo é como andar de bicicleta

Sem avanço na base material da economia, a distribuição menos desigual da renda torna-se mais distante

Os anos 2000 trouxeram uma novidade desconhecida no século 20, destacada não apenas pelos brasileiros, como também por organismos internacionais: a combinação entre crescimento econômico, democracia política e distribuição de renda.

Desde 2013, contudo, os sinais de estagnação da economia nacional apontam para a perda da eficiência da distribuição de renda. Não apenas houve aumento na quantidade de pessoas na condição de miséria, como também estancou o movimento de queda no grau de desigualdade da renda.

Neste ano de 2015, com a recessão econômica, as conquistas sociais obtidas nos anos 2000 passaram a estar ameaçadas. Isso porque o combate às desigualdades no capitalismo parece ser como "andar de bicicleta, sem poder parar de pedalar", uma vez que sem o crescimento econômico, a repartição menos desigual do fluxo de renda torna-se muito mais difícil.

O ineditismo dos anos 2000 em relação ao enfrentamento da pobreza e desigualdade de renda concentrou-se na ação política organizada em torno do estímulo ao crescimento econômico compromissado com melhora no padrão distributivo, por meio da sofisticação das políticas públicas.

Entre as décadas de 1960 e 1970, por exemplo, o vigor do crescimento econômico foi muito maior, porém com a democracia política ausente, por força da Ditadura Militar (1964 – 1985), a distribuição "menos desigualitária" da renda não existiu. Pelo contrário, o país que conseguiu situar-se na oitava economia mais rica do mundo em 1980 respondia simultaneamente pela terceira posição no ranking mundial da desigualdade de renda.

Nos anos de 1980 e 1990, a democracia política foi reposta, com a implementação da Constituição Federal de 1988, a mais avançada em termos de posicionamento em termos da construção do Estado de bem estar social. Todavia, a inexistência do crescimento econômico no período simplesmente tornou impraticável redistribuir o que não se produzia.

Assim, as décadas de 1980 e 1990 foram consideradas as piores de todo o século passado. O País retroagiu em 2000 do posto de oitava economia mais rica do mundo para a 13ª, enquanto a desigualdade de renda estancou em patamar mais elevado.

Por isso que a primeira década do século 21 trouxe emblematicamente conquistas sociais fundamentais, permitindo que o país avançasse para o posto de sétima economia mais importante do mundo, concomitantemente com a queda na desigualdade de renda. Se nos anos de 1980 era considerada a terceira nação mais desigual do mundo, na década de 2000, o Brasil assumiu a posição de 16º mais desigual do planeta.

Sem haver avanço na base material da economia, a distribuição menos desigual da renda torna-se mais distante, uma vez que os segmentos mais poderosos da sociedade aproveitam o momento de debilidade dos segmentos mais vulneráveis para avançar a apropriação dos recursos.

Isso pode ser percebido atualmente pelo poder do setor rentista no País, que por meio das elevadíssimas taxas de juros aumentam suas participações na renda nacional em detrimento dos trabalhadores que convivem com queda no nível de emprego e redução do poder de compra dos salários.

Sem a mudança deste cenário econômico desfavorável, as conquistas dos anos 2000 correm o sério risco de encolherem em 2015.